



CORPO DE DELITO

É p'ró Palácio Ratton, faz favor

Mas qual presunção de inocência? Esta gente – passarões, figurões, macacões e outros ões – lá tem disso? Então não se está mesmo a ver?



Rui Patrício

Senhores Juízes do Tribunal Constitucional,

Eu não sou homem de leis, nem tenho outros estudos para além da primária do meu tempo (quando a primária era boa) e do que aprendi nas esquinas da vida, mas sei bem como são as coisas e já vi muito ao volante do meu táxi. Ora, logo agora que isto estava a entrar nos eixos, com alguns passarões a serem arrecadados enquanto o diabo esfrega um olho e o ai-jesus que por aí vai no coração de outros, vieram os senhores estragar tudo, com esquisitices sobre a lei do enriquecimento injustificado. Realmente, andam uns de um lado a pôr isto direitinho (que já não era sem tempo), e vêm outros, como os senhores, com coisas e coisinhas, pormenores e delicadezas, e atrasam a limpeza.

Presunção de inocência, ouvi eu na rádio. Mas qual presunção de inocência? Esta gente – passarões, figurões, macacões e outros ões – lá tem disso? Então não se está mesmo a ver que só cá andam para roubar e pará se encher, à minha custa e de outros como eu? Provas? Ora provas, os senhores também têm cada uma. Os senhores não lêem os jornais que eu leio, de certeza, nem vêem a televisão que eu vejo. Esta lá tudo, todos os dias, basta abrir os olhos. E o que se vê por aí? Uma corja. Só querem meter ao bolso e não fazer nenhum. Às vezes, quando estou sossegadinho na praça de táxis – a passar pelas brasas um bocado (que um homem também tem que descansar) e à espera a ver se cai um patinho estrangeiro daqueles que acreditam que o Chiado é no Estoril – dou por mim a pensar que isto não é nada como no tempo do Botas. O homem de Santa Comba, coitado,



Dou por mim a pensar que isto não é como no tempo do Botas

tinha lá os seus defeitos mas morreu pobrezinho, toda a gente sabe. Faz cá muita falta, não tenho vergonha de o dizer.

Ao menos nesse tempo não havia cá esquisitices da presunção de inocência e outras coisas, algumas que nem percebo. Enquanto estava na praça de táxis a folhear os jornais e a arregalar os olhos com o estendal de crimes e poucas-vergonhas que para aí vai, ouvi na rádio uns doutores a falar das esquisitices dos senhores sobre esta lei. Mas não percebi bem e até perguntei ao meu rapaz mais velho, que anda nos estudos das leis e diz que quer ser advogado (que desgosto, outro madraço). Disse-me ele que os senhores dizem que, além da presunção de inocência, também não há proporcionalidade nem legalidade, parece que só pode haver crimes

para coisas importantes e que tem que se perceber bem o que está na lei, não podem ser coisas vagas e genéricas. Ora, valha-me deus. Então há lá coisa mais importante que meter essa malandragem na ordem? Mesmo que seja com frases vagas e genéricas; e já agora mal escritas, que é o costume das leis modernas (diz o meu rapaz que ouviu dizer), e eu acho que até é melhor assim, porque quanto mais mal escritas mais coisas se podem meter nelas quando for preciso para arrecadar os passarões. Vejam lá se têm juízo, senhores juízes, e não atrapalhem o que outros andam a fazer tão bem, que é uma limpeza.

Com os cumprimentos, do Zé.

Advogado
Escreve quinzenalmente
ao sábado